

Edição v. 38  
número 1 / 2019

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), 38 (1)  
abr/2018-jul/2018

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

## O bolero de um migrante fracassado: consumo e fracasso em No quiero quedarme sola y vacia

## The bolero of a failed migrant: consumption and failure in No quiero quedarme sola y vacia

**RICARDO DUARTE FILHO**

Doutorando em Spanish and Portuguese Languages and Literatures pela New York University e em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Alguns de seus interesses de pesquisa são teoria queer, estudos decoloniais, literatura e cinema latino-americanos. New York City, NY, USA. e-mail: ricardo.duarte@nyu.edu. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2173-2334>

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DUARTE FILHO, Ricardo. O BOLERO DE UM MIGRANTE FRACASSADO: consumo e fracasso em No quiero quedarme sola y vacia. Contracampo, Niterói, v. 38, n.1, p. 143-156, abr-jul-2019.

**Enviado em 07/02/2019 / Revisor A: 25/03/19; Revisor B: 10/04/2019 / Aceito em 12/04/2019**

**DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v38i1.28025>**

## Resumo

O presente ensaio almeja discutir a questão do fracasso e migração *queer* a partir do romance *No quiero quedarme sola y vacia* (2006), de Angel Lozada. A partir da análise do texto, almejo discorrer sobre como uma leitura *queer* da obra nos permite pensar linhas de fuga ao discurso neoliberal do bom migrante como aquele que ajuda o país a prosperar. Aqui me interesso pelo mau imigrante: aquele que contrai dívidas, que não gosta de trabalhar e que não se encaixa nas expectativas locais do que é ser um bom cidadão. Julgo que a discussão propiciada por essa figura nos permite vislumbrar como uma aproximação *queer* propicia vislumbrar rupturas no discurso neoliberal da promoção do trabalho como forma de realização pessoal e marcador subjetivo.

### Palavras-chave

Capitalismo; Consumo; Dívida; Migrante; Queer.

## Abstract

The present essay aims to discuss the failure and queer migration having as a departure point the novel *No quiero quedarme sola y vacia* (2006), by Angel Lozada. Departing from the text, I aim to argue how a queer reading of this work allow us to think on lines of flight of the neoliberal discourse of the good migrant as the one who helps the country to thrive. In this piece I'm interested on figure of the bad migrant, the one who contracts debts, does not like to work and does not fit on the local expectations of what it is expected to be a "good citizen". I believe that the discussions brought by this figure allow us to glimpse ruptures in the neoliberal discourse that positions work as a personal realization and as a subjective mark.

### Keywords

Capitalism; Consumption; Debt; Migrant; Queer.

## Introdução

Em uma das aulas do curso *O nascimento da biopolítica*, Michel Foucault desenvolve sua famosa conceituação do *homo oeconomicus* como o sujeito “empreendedor de si mesmo, sendo por si mesmo seu próprio capital, sendo para si mesmo seu próprio produtor, sendo para si mesmo a fonte de [seus] proventos”<sup>1</sup> (FOUCAULT, 2004, p.232). Posteriormente, Foucault promove uma curiosa, embora breve, discussão da migração dentro desse novo contexto neoliberal do *homo oeconomicus* como empresário de si. Para o autor, a migração representaria um desses “investimentos” de/para si, onde o migrante espera que os gastos decorrentes da sua movimentação inicial sejam posteriormente compensados. Ele conclui essa relação com a instigante afirmação que a “migração é um investimento, o migrante é um investidor”<sup>2</sup> (FOUCAULT, 2004, p.236). Embora essa seja uma proposição que possibilita a abertura de discussões diversas, estas nunca são desenvolvidas ao longo do curso.

Para além disso, o migrante evocado por Foucault parece extremamente demarcado, não parecendo incluir aquele que migra por questões de sobrevivência, ou ainda aqueles que migram em questões extremamente precárias. Embora ainda possamos ver o discurso do investimento nesses eventos, já que seria através desse deslocamento que o migrante buscaria uma possível melhora de suas condições de vida – o que não deve ser visto a partir de uma leitura puramente vitimista, como alertado por Veronica Gago (2017, p.35) – acredito que um tensionamento dessa figura do migrante como investir nos permite uma curiosa discussão sobre diversos pontos caros ao discurso neoliberal contemporâneo. Partindo dessa discussão, será que poderíamos pensar na figura do migrante como aquele que promoveria novas possíveis leituras da ideia do empreendedor de si?

Veronica Gago, ao criticar uma visão que posicionaria esse migrante puramente como vítima, argumenta que esses sujeitos efetuam uma relação muito mais ambígua do que apenas a de explorados, podendo “negociar formas parciais de sujeição e estratégias de desobediência”<sup>3</sup> (GAGO, 2017, p.18). Embora haja diversas possibilidades de desenvolvermos essas questões, proponho como ponto central no presente ensaio a figura do migrante *queer*. Essa escolha dá-se pela possibilidade de o/a vermos como um sujeito que migra não apenas por questões puramente econômicas, mas também de sobrevivência ou seguridade física<sup>4</sup>. Essa condição suscita uma relação ainda mais ambígua, pois também gera um relato redentor de países liberais e progressistas que receberiam aqueles que não poderiam viver em seus países de origem, como ressaltado por Jasbir K. Puar (2007) através do conceito do homonacionalismo<sup>5</sup>. Problemática também suscitada por José Quiroga na sua discussão sobre a migração cubana para os Estados Unidos motivada por questões de sexualidade. Para o autor, “o homossexual cubano rejeitado pelo estado se torna o corpo homossexual desejado pelo capitalismo”<sup>6</sup> (QUIROGA, 2000, p.11). Ao discutir o migrante *queer* a partir da ideia Foucaultiana do migrante como investidor, almejo explicitar a negociação entre sujeição e desobediência evocada por Gago (2017). Promovo, portanto, uma discussão do *queer* a partir da chave da negatividade e da improdutividade (HALBERSTAM, 2011), pois isso os posiciona como corpos

---

<sup>1</sup> Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pelo autor. No original: “entrepreneur de lui- même, étant à lui-même son propre capital, étant pour lui-même son propre producteur, étant pour lui-même la source de [ses] revenus”.

<sup>2</sup> “La migration est un investissement, le migrateur est un investisseur.”

<sup>3</sup> “How is autonomy able to negotiate partial forms of obedience and strategies of contempt?”

<sup>4</sup> A discussão dessa migração faz-se bastante presente dentro do campo acadêmico dos estudos *queer* e de gênero, recebendo nomes como “sexile” (GUZMÁN, 2006) e “diáspora *queer*” (PATTON; SÁNCHEZ-EPPLER, 2000), (GOPINATH, 2018).

<sup>5</sup> Para a autora o “reconhecimento nacional e inclusão, aqui sinalizado como a anexação do jargão homossexual, depende da segregação e desqualificação de outros raciais e sexuais do imaginário nacional” (PUAR, 2007, p.2).

<sup>6</sup> “The Cuban homosexual rejected by the state becomes the homosexual body desired by capitalism.”

que fogem à normatividade e ao aplainamento exigido pelo discurso do homonacionalismo. Acredito também que essa negatividade rasura a imagem do “bom migrante” como aquele que colabora com o crescimento econômico e social do país que o recebe.

Como forma de desenvolver esses questionamentos no presente ensaio, proponho uma análise do romance *No quiero quedarme sola y vacía* (2006), de Ángel Lozada. Acredito que esse livro, mesmo com a baixa atenção acadêmica dedicada a ele<sup>7</sup>, traz diversas possibilidades para discutirmos e, potencialmente, provocar rupturas na sujeição demandada pela imagem do “bom migrante”. Embora a protagonista pareça constantemente almejar a integração absoluta a partir de um hiperconsumo, defendo que há no romance uma ruptura, uma implosão advinda exatamente pelo caráter excessivo e cambiante desse desejo. Em uma disputa para ver quem conseguiria ser mais fluido e cambiante: seus desejos ou o capital, a protagonista começa a ressaltar a artificialidade do discurso neoliberal do empreendedor de si. O que busco argumentar no presente ensaio, portanto, é como o protagonista do romance parece constantemente jogar com o hegemônico e o *mainstream*, por vezes aderindo-se a eles e em outras os renegando, em uma espécie de jogo *queer* de desidentificação (MUÑOZ, 1999). Creio que uma leitura *queer* do romance nos permite discutir como seu protagonista propõe modos desviantes de discutirmos pontos caros ao onipresente tema da imigração latina para os Estados Unidos, tensionando a ideia de sucesso e identificação subalterna.

*No quiero quedarme sola y vacía* é narrado por um migrante homossexual porto-riquenho, nunca nomeado, mas que se atribui apelidos como *La Loca*, *La Endeudada*, *La Des(loca)da*, *La Profetisa*, etc. Vivendo em Nova York em uma situação precária, mas não totalmente desprovido de advento financeiro, ela nos narra sua rotina vertiginosa, que, entre várias sessões de sexo casual e uma incessante febre consumista, parece girar em torno do medo indicado pelo título do livro: o temor de se encontrar só e vazia. Se pensamos que pela sua condição duplamente subalterna de migrante latino e homossexual, conjugada à sua precária condição de vida, poderíamos esperar mordazes críticas ao capitalismo voraz ou ainda a prevalência de uma busca comunitária como forma de escapar ao racismo e/ou exotização aos quais ele<sup>8</sup> é constantemente submetido, acabamos por presenciar o que parece uma perturbadora adesão a esses mesmos discursos e práticas que a marcam como corpo subalterno. Ingrid Robyn, em uma das poucas discussões acadêmicas sobre o romance, vê a ação desse protagonista como uma traição à sua origem porto-riquenha, argumentando que ele se entregaria a um esforço “continuamente frustrado de assimilar-se a cultura *mainstream* estado-unidense, negando assim qualquer tipo de discurso que poderia lhe servir para questionar as bases de sua condição subalterna”<sup>9</sup> (ROBYN, 2011, p.33). Embora concorde com a autora que exista esse impulso assimilacionista, argumento aqui que esse também pode ser visto como um gesto paródico e potencialmente subversivo. A partir dessa hipótese inicial, planejo questionar se o romance nos permite vislumbrar novas possibilidades de fuga à promoção de uma subjetividade neoliberal do empreendedor de si, enquanto ainda tenta se aderir a ela.

O gesto de uma leitura *queer* da obra assume aqui uma centralidade por possibilitar “reconhecer temas, signos e símbolos obviamente eróticos nas fontes com as quais trabalhamos”<sup>10</sup> (EDWARDS, 2009, p.56). Embora essa descrição possa fazer parecer que uma leitura *queer* trate-se apenas de encontrar motivos homossexuais escondidos em obras aparentemente heterossexuais, como se fosse uma busca de

<sup>7</sup> Curiosamente, há uma escassez no que se refere a material acadêmico ou crítico relacionado à obra. Ausência essa também comentada no pouco material bibliográfico voltado a ela. Ver Robyn, 2011 e Clavell Carrasquillo, 2006.

<sup>8</sup> Se ao longo do presente texto vario o pronome de tratamento atribuído ao personagem (ele/ela) é respeitando a própria alternância encontrada no texto literário.

<sup>9</sup> “Este narrador traiciona su ‘puertorriqueñidad’ al entregarse a un esfuerzo continuo y continuamente frustrado de asimilarse al mainstream culture estadounidense, rechazando asimismo cualquier tipo de discurso que pudiera servirle para cuestionar las bases de su condición subalterna.

<sup>10</sup> “Ability to recognize obviously erotic themes, signs and symbols in the sources with which we work”

“tirar o texto do armário”, julgo que seria simplista resumi-la a tal gesto. Como ressaltado por Eve Kosofsky Sedgwick, uma autora intimamente ligada a essa metodologia, embora essas leituras frequentemente se enfoquem em relações eróticas interpessoais e homossexuais, essas não são a sua única forma (SEDGWICK, 1997, p.2). Partindo disso, o que reconheço como temas e signos eróticos no romance de Lozada não são as sessões de sexo casual do protagonista, mas sim seu voraz e erotizado desejo pelo consumo. Me volto à estratégia de uma leitura *queer* do romance como forma de desenvolver essa argumentação e buscar uma discussão centrada nas ideias de negatividade e improdutividade desenvolvidas pela teoria *queer*.

Para tanto, o que promovo no presente ensaio como gesto de leitura *queer* é, em um primeiro momento, discutir a relação do protagonista do romance com sua condição subalterna e precária a partir da ideia de negatividade *queer*, especialmente como proposta por Jack Halberstam (2011) e José Quiroga (2000). A partir dessa chave, me volto então à discussão de dois pontos centrais ao romance: o hiperconsumo e a dívida. Ao promover a relação de consumo e desejo erotizado, me aproximo de Paul B. Preciado (2013) e Sayak Valencia (2010), autores que promovem leituras econômicas ligadas à teoria *queer* e à ideia do desejo. Também discuto os desdobramentos das discussões sobre a figura do empreendedor de si, como desenvolvidos por Maurizio Lazzarato (2017), especialmente sua argumentação sobre a possibilidade da recusa do trabalho como um gesto político. Ao realizar esse caminho, acredito promover uma leitura que não caia em uma interpretação moralizante das atitudes do protagonista, mas que, a partir de uma conceitualização *queer*, as discutam como possíveis formas de tensionar as imagens do empreendedor de si e do bom migrante.

## Puro teatro: o bolero de um fracasso *queer*

Segundo Jack Halberstam (2011, p.89), a ideia de sucesso estaria intimamente imbricada com um “senso comum heteronormativo que leva à equação de sucesso com avanço, acumulação capital, família, conduta ética e esperança”<sup>11</sup>. Julgo, portanto, que o teor eminentemente *queer* desse personagem funcione aqui como um solvente desse ideal, sendo um ponto central à leitura aqui proposta. Acredito que a visão ácida do romance à ideia do sucesso parece aproximar-se da proposta de Halberstam de vermos uma forte ligação entre o *queer* e a ideia de fracasso:

Esse ethos particular de resignação ao fracasso, à falta de progresso e uma forma particular de escuridão, uma negatividade, pode ser chamada de estética *queer*... Eu proponho que uma forma de arte *queer* fez do fracasso seu tema principal e posicionou queerness como uma paisagem de confusão, solidão, alienação, impossibilidade e incômodos (...) Como Lee Edelman, Heather Love, e outros argumentaram, apenas repudiar as conexões entre queerness e negatividade é cometer uma insustentável leitura positivista e progressista do *queer*. (HALBERSTAM, 2011, p.96-97)<sup>12</sup>

A presença de uma tentativa *queer* de fugir de uma identidade rígida através da confusão e da constante mobilidade já nos é dada na epígrafe do livro: “O ser: essa performance, um pastiche caótico de deslocamentos e clichês, sempre mutante, jamais fixo”<sup>13</sup> (LOZADA, 2006, p.10). Estabelecendo, assim, uma forte aproximação com ideias caras à teoria *queer* logo no início da narrativa ao evocar um Eu como algo artificial e performado. Acredito que o romance parece escapar à visão criticada por Halberstam de

<sup>11</sup> “Heteronormative common sense that leads to the equation of success with advancement, capital accumulation, family, ethical conduct, and hope”.

<sup>12</sup> “This particular ethos of resignation to failure, to lack of progress and a particular form of darkness, a negativity really, can be called a queer aesthetic... I propose that one form of queer art has made failure its centerpiece and has cast queerness as the dark landscape of confusion, loneliness, alienation, impossibility, and awkwardness (...) As Lee Edelman, Heather Love, and others have argued, to simply repudiate the connections between queerness and negativity is to commit to an unbearably positivist and progressive understanding of the queer.”

<sup>13</sup> “El ser: ese performance, un pastiche caótico de desplazamientos y clichés, siempre mutante, jamás fijo”.

associação do *queer* a uma visão positiva e baseada numa lógica de progresso e superação, um “*queer*” que já aparece como que completamente cooptado pelo discurso neoliberal. Aqui, a Loca não aparece como um gay orgulhoso que entoaria o bordão pop de Born this way, mas que preferiria a escuridão de um show de bolero, preferencialmente ouvindo La Lupe. *El nuestro es puro teatro*.

Essa visão mais negativa e anticomunitária *queer* parece exatamente o que provoca em Ingrid Robyn a sua argumentação da personagem como marcada pelo signo da traição. Para a pesquisadora, essa indefinição de uma identidade “se deve antes de tudo ao repúdio expresso pelo narrador por sua origem porto-riquenha, em outras palavras, sua resistência a aceitar sua condição minoritária e/ou subalterna, e seu desejo obsessivo por fundir-se ao *mainstream* cultural”<sup>14</sup> (ROBYN, 2011, p.36). No lugar de uma identificação potencialmente politizada com seus companheiros subalternos, haveria apenas aversão. A autora continua sua argumentação ao escrever que as poucas vezes em que haveria uma identificação com sua origem seria a partir de uma autoexotização, onde o protagonista transforma a si mesmo em uma imagem comodificada para consumo dos gringos. Embora Ingrid Robyn pareça ver nessa tentativa de identificação com o sujeito dominante uma completa traição com sua condição subalterna, julgo que uma leitura a partir da negatividade *queer* pode nos propiciar uma nova forma de discutirmos essas ações.

Primeiramente, poderíamos nos questionar se uma política comunitária homossexual seria necessariamente a melhor forma de fraturar esse sistema opressivo, já que o neoliberalismo contemporâneo produz uma imagem padrão de um corpo e uma narrativa homossexual. Como ressaltado por José Quiroga (2000, p.11): “o corpo deslocado do homossexual não se sustenta nesse ponto pela liberação pessoal, mas também pela liberação do capital global para perseguir seus objetivos”<sup>15</sup>. Assim, elementos como a centralidade do assumir-se, o discurso do orgulho e da centralidade da comunidade, importantes aos movimentos gays norte-americanos, assumem para si uma espécie de forma transnacional da homossexualidade<sup>16</sup>. Será que uma forma contestatária baseada no discurso militante promulgado por movimentos norte-americanos, como a auto aceitação e o orgulho, não seriam formas de aderir à essa epistemologia hegemônica? Argumento que não é nem por meio de união política ou identitária que o protagonista provoca rupturas na própria ideologia à qual aparentemente tanto almeja se inserir, mas sim pela negatividade *queer*, que aparece aqui uma forma para tentar encontrar outras formas de subverter a subjetividade neoliberal.

Creio que a personagem estaria muito mais próxima de uma desidentificação como exposta por José Esteban Muñoz (1999), entendida aqui como uma forma de lidar com a cultura *mainstream* em que um nunca se opõe ou adere completamente a ela. Ao discutir o conceito, o autor traz em seu texto experiências pessoais como forma de tentar melhor exemplificá-lo, especialmente a sua adolescência como um jovem *queer* de ascendência cubana crescendo nos Estados Unidos e cujo gênero musical favorito era o punk. Mesmo que algumas das músicas do gênero trouxessem mensagens racistas e/ou homofóbicas, a raiva e o anseio anti-establishment presentes no punk fariam com que ele conseguisse encontrar nessas canções ressonâncias com alguns de seus próprios pensamentos e anseios. Será que não podemos ver o particular interesse da Loca por boleros e músicas românticas como uma maneira particular de identificar-se com uma pretensa sensibilidade latina?<sup>17</sup> Ponto nunca discutido por Ingrid

---

<sup>14</sup> “Se debe ante todo al repudio que expresa este narrador ante su origen puertorriqueño, en otras palabras, su resistencia a aceptar su condición minoritaria y/o subalterna, y su deseo obsesivo por fundirse en el mainstream culture estadounidense”.

<sup>15</sup> “The translocalized body of the homosexual does not stand at this point so much for personal liberation as for the liberation of global capital to pursue its aims”.

<sup>16</sup> Esse é um ponto de discussão comum a diversos autores da teoria *queer* em um contexto que tenta distanciar-se dessa homogeneização e criticar como esse processo está intimamente ligado a discursos neoliberais. Alguns autores que discutem alguns desses pontos são Quiroga, 2000; Santiago, 2004; Lopes, 2007; Puar, 2007.

<sup>17</sup> O bolero teve uma espécie de retorno à popularidade na década de 90 e, de acordo com o escritor

Robyn (2011), creio que o fascínio que cantoras como La Lupe ou La India provocam no protagonista pode ser um indicador tanto da negatividade *queer* quanto da sua relação muito mais ambígua com a cultura *mainstream* do que poderíamos pensar se apenas o víssemos como alguém que almeja uma assimilação completa. A escolha do bolero e da música ultrarromântica parece bastante sintomático por aproximar-se da visão negativa de um *queer* anticomunitário. Afinal, é preciso estar só para poder performar um gênero musical que lamenta, de maneira simultaneamente erotizada e melancólica, a impossibilidade do amor e da comunhão. Por buscar sua marca nessa promulgação da instabilidade, o bolero aproxima-se das ideias discutidas por Halberstam (2011) do *queer* como aquele que desestabiliza a continuidade e visão progressiva necessária à ideia do sucesso.

Se o protagonista trai Porto Rico, não seria isso causado pela sensação de ele também ter sido traído por seu próprio país? No pungente momento em que ele pensa em um projeto de vingança megalomaniaco em que bombardearia a ilha, vemos que uma das razões desse rancor viria da violência homofóbica perpetuada contra ele desde sua infância: “Eu os afundarei por completo e acabarei com eles desde o espaço, por terem sido tão homofóbicos e querido destruir-me desde pequeno”<sup>18</sup> (LOZADA, 2006, p.77). E embora em alguns momentos a Loca pareça completamente contrária a seu país, em outros vemos a ambiguidade dessa relação: “à Loca lhe cansa o discurso dos porto-riquenhos independentistas, porque os acha homofóbicos, mas, no mais profundo do seu coração, quer a independência para sua ilha”<sup>19</sup> (LOZADA, 2006, p.23). A sua relação fraturada com sua identidade porto-riquenha aparece, portanto, ligada a um lugar que sempre a hostilizou; mas isso não resulta, tampouco, em uma rejeição completa, como parece indicar Ingrid Robyn (2011), mas sim a um afeto mais próximo à desidentificação. Sua paixão pelo bolero e por outros elementos culturais ligados à sua latinidade parecem indicar que não há uma traição absoluta, mas uma tentativa de mediação, quase como se a Loca estivesse perpetuamente dedicando uma canção a um amor que a desprezou, mas por quem ela continua sofrendo e sonhando a possibilidade de uma nova chance. A Loca, portanto, parece aproximar-se da argumentação de Quiroga de que

O *queer* não hesitará em manipular a fronteira, em tentar ser reconhecido em outro espaço além do nacional quando o nacional não oferecer a validação que esses *queers* buscam. Em outras palavras, na casa de bolero do essencialismo, o *queer* vai permitir que a casa colapse para ganhar a voz que lhe é negada, e essa posição é predicada na tristeza que o bolero mesmo vai performar”<sup>20</sup> (QUIROGA, 2000, p.162)

Esse bolero, onde ela nos canta seu desejo utópico de “viver em um país imaginário ... construir a minha nação pelo meu desejo, sem engarrafamentos, sem partidos, sem homofóbicos”<sup>21</sup> (LOZADA, 2006, p.54), não se aproxima da performance do glamour de uma Olga Guillot, mas sim ao excesso de La Lupe. É quase como se seu corpo não pudesse conter toda a energia e os fluxos antitéticos que lhe perpassam. Embora ela tente construir essa sua nação a partir de uma tentativa de integração ao hegemônico, ela só consegue alcançá-lo a partir de seu próprio fracasso financeiro. Se a forma encontrada por ela para tentar assimilar-se é o consumo e o crédito, a personagem acaba por funcionar como uma espécie de

---

Rafael Castillo Zapata, este retorno estaria ligado a uma forma de auto-reconhecimento cultural (Zapata apud Quiroga, 2000, p.150).

<sup>18</sup> “Los hundiré por completo y acabaré con ellos desde el espacio, por haber sido tan patofóbicos y haberme querido destruir desde pequeño”.

<sup>19</sup> “A la Loca le fastidia el discurso de los independentistas puertorriqueños, porque los encuentra patofóbicos, pero en lo más profundo de su corazón quiere la independencia para su isla”.

<sup>20</sup> “The *queer* will not hesitate to manipulate the border, to attempt to be recognized by an other space beyond the national, when the national does not offer the validation that *queer* people seek. In other words, the *queer* in the bolero house of essentialism will allow the house to collapse in order to gain the voice that is denied, and this position is predicated on the sadness that the bolero itself will perform.”

<sup>21</sup> “Vivir en un país imaginario ... construirme mi nación a mi antojo, sin tapones, sin partidos, sin patofabos”.

inimiga infiltrada que acaba por implodir esse mesmo sistema a qual pretende ingressar, como pretendo argumentar na seguinte seção. Julgo que a sua relação com o discurso neoliberal do empreendedor de si e da celebração do sucesso, do consumo e do trabalho funciona como um espelho distorcido que acaba por funcionar como solvente desse mesmo discurso. É um bolero *queer* do desperdício. E ele começa a partir do amor pelo consumo.

## Em busca de um devir-Jackeline Kennedy: consumo e dívida

A almejada integração pelo consumo não se apresenta aqui como um tópico inédito. Como ressaltado por Sayak Valencia em *Capitalismo Gore* (2010), um ponto repetidamente presente em distintas argumentações contemporâneas sobre o capitalismo seria a primazia do discurso consumista como forma de socialização e prazer (VALENCIA, 2010, p.63). Se pensarmos em um dos textos fundamentais para a construção discursiva voltada ao capitalismo e ao liberalismo, *The wealth of nation* de Adam Smith, já percebemos como o consumo é posicionado como uma forma de aplainar as distinções de classe, já que todos teriam em comum a condição de consumir os bens produzidos.

Entre nações civilizadas e prósperas, embora grande parte dos cidadãos não trabalhe, muitos deles consomem a produção correspondente a dez ou até cem vezes a que é consumida pela maior parte dos que trabalham — a produção resultante de todo o trabalho da sociedade é tão grande, que todos dispõem, muitas vezes, de suprimento abundante, e um trabalhador, mesmo o mais pobre e de baixa posição, se for frugal e laborioso, pode desfrutar de uma porção maior de bens necessários e confortos materiais. (SMITH, 1999, p.105).<sup>22</sup>

Na idílica visão liberal de Smith, todos os cidadãos dos países desenvolvidos estariam aptos a ter acesso aos bens necessários e desejados, desde que houvesse um enfoque no trabalho. Se seguirmos a argumentação de Sayak Valencia (2010), vemos uma diferença crucial entre o discurso capitalista contemporâneo e o texto de Adam Smith, já que as mudanças sofridas pela primazia do discurso do consumo não mais parecem advir da necessidade de uma simplicidade frugal por parte dos trabalhadores, mas sim da centralidade do hedonismo e do excesso. Se em Smith o consumo seria apenas uma forma supostamente igualitária, algo que perpassaria todas as classes, agora ele parece estar mais ligado à ideia de uma pretensa fluidez e mobilidade. “O discurso do novo capitalismo (...) considera o corpo como um dispositivo eternamente desejante, estimulado, interconectado e mediado”<sup>23</sup> (VALENCIA, 2010, p.65). Essa transformação do capitalismo em uma espécie de economia libidinal, a qual Bernard Stiegler (2011) denomina psicopoder<sup>24</sup>, faz com que se comece a aproximar da visão discutida por Paul B. Preciado (2013) do capitalismo contemporâneo como próximo de uma lógica masturbatória e pornográfica de uma espécie de satisfação frustrante [*frustrating satisfaction*], onde “o objetivo não é a produção de prazer, mas o controle de subjetividades políticas por meio de gerenciamento do circuito excitação-frustração”<sup>25</sup>

<sup>22</sup> “Among civilized and thriving nations, ... though a great number of people do not labour at all, many of whom consume the produce of ten times, frequently of a hundred times more labour than the greater part of those who work; yet the produce of the whole labour of the society is so great, that all are often abundantly supplied, and a workman, even of the lowest and poorest order, if he is frugal and industrious, may enjoy a greater share of the necessaries and conveniences of life”.

<sup>23</sup> “El discurso del nuevo capitalismo (...) considera al cuerpo como un dispositivo eternamente deseante, estimulado, interconectado y mediado”

<sup>24</sup> “A economia libidinal do século vinte tem sido progressiva, mas completamente transformada pelo marketing, o que constitui o que eu chamo de psicopoder, e que é relacionado com o que Foucault denomina biopoder. Biopoder controla populações de Produtores através de tecnologias de poder disciplinar. Psicopoder controla o comportamento individual e coletivo dos consumidores ao canalizar suas energias libidinais para mercadorias” (Stiegler, 2011, p.150).

<sup>25</sup> “The goal is not the production of pleasure but the control of political subjectivity by means of the management of the excitation-frustration circuit.”

(PRECIADO, 2013, p. 304).

Se Smith parecia pedir uma certa contenção protestante como condição para que todos possam ter acesso ao consumo, agora parecemos nos aproximar de uma incessante criação de desejos. Antes o pobre funcionário fabril evocado por Smith poderia ter acesso às condições necessárias para viver através de seu trabalho, agora o precariado contemporâneo precisa criar-se a partir desse suposto consumo aparentemente acessível a todos. Haveria, portanto, “a integração da classe trabalhadora e da população em geral à valorização capitalista por meio do consumo de massa” (LAZZARATO, 2017, p.132). É a partir dessa chave que podemos ver o fortalecimento de discursos neoliberais como o da meritocracia e da ideia do empreendedor de si, a criação de uma narrativa em que a felicidade e o “sucesso” estariam intimamente ligados ao consumo. O capitalismo vende frustração, como nos lembra Valencia (2010, p.74).

É exatamente no centro dessa lógica libidinal do consumo em que o protagonista parece se encontrar. “É que todos os apetrechos que eu tenho já estão obsoletos a cada seis meses e, por isto, TENHO que comprar novos para assim poder sentir-me completo”<sup>26</sup> (LOZADA, 2006, p.68). Ao longo de todo o romance vemos pensamentos como esse, em um tom quase expiatório, como se a Loca estivesse constantemente tentando buscar razões e justificativas para seu incessante desejo de consumir. Para Ingrid Robyn (2011, p.37), esse vício seria um esforço para distanciar-se de sua condição de sujeito subalterno, uma forma de se diferenciar dos outros. Entretanto, paradoxalmente, essa condição de vício me parece exatamente a forma pela qual o protagonista provoca pequenas implosões na ideologia à qual ele parece entregar-se completamente. Nessa configuração, em que os desejos e os corpos são quase que totalmente cooptados pela lógica de um capitalismo movido pela frustração, não nos parece surpreendente que Deleuze e Guattari (2010, p.325) diagnostiquem que “nossa sociedade produz esquizos como produz xampu Dop ou carros Renault”. Ainda de acordo com os autores, o capitalismo necessita transformar esses esquizofrênicos em doentes, pois a esquizofrenia seria “o limite exterior do próprio capitalismo, ou o termo da sua mais profunda tendência... A esquizofrenia não é, portanto, a identidade do capitalismo, mas, ao contrário, sua diferença, seu desvio e sua morte” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.325-326). Aqui não argumento que o protagonista se aproxima da revolução esquizoide proposta pelos autores – já que aqui não parece haver qualquer espaço para uma revolução –, apenas proponho que a Loca parece propiciar rasuras e evidenciar os paradoxos da promoção neoliberal do consumo. Se o capitalismo produz loucos, parece também produzir Locas.

Ao pensarmos na sua constante necessidade de consumir coisas inúteis de maneira quase febril e repetitiva, é importante lembrar que esses objetos adquiridos não parecem lhe trazer qualquer prazer ou benefício; há apenas a compulsão pelo consumo. Avital Ronell, em seu livro *Crack Wars* (1992), propicia uma instigante leitura da clássica personagem Madame Bovary como uma viciada no ato de consumir, trazendo argumentos que poderiam ser pensados como que próximos ao romance de Ángel Lozada<sup>27</sup>. Para a autora, “os ‘objetos’ de sua intoxicação consistem de substância não-contidas ... estruturas de repetição e substituição tomam a precedência sobre as qualidades reais do outro. Uma questão de transferência que perturba a ordem das coisas”<sup>28</sup> (RONELL, 1992, p.100). Mas de que maneira podemos ver uma perturbação nessa suposta ordem das coisas se, ao final do romance, a personagem declara falência e não parece produzir qualquer claro discurso crítico contra o capitalismo e o hiperconsumo? Proponho aqui algumas possíveis visões dessa perturbação.

---

<sup>26</sup> “Es que todos los enseres que tengo ya están obsoletos cada seis meses y por esto tengo, por esto TENGO que comprarme unos nuevos para así poder sentirme completa”.

<sup>27</sup> Bovary, curiosamente, é invocada pelo protagonista perto do momento em que finalmente declara sua falência, “la Loca pensó en Emma” (Lozada, 2006, p.88).

<sup>28</sup> “The ‘objects’ of her intoxication consist of non-containable substances... structures of repetition and substitution take precedence over the ‘real’ qualities of the other. A question of transference, in short, that perturbs the order of things”.

Acredito que o protagonista parece ir de encontro ao cerne mesmo de um dos pilares da construção subjetiva neoliberal: a da meritocracia baseada na imagem do empreendedor de si. Como vimos pela breve citação extraída de Adam Smith, o trabalho aparece como a ação privilegiada pelo capital a possibilitar o consumo. Entretanto, essa centralidade já parece bastante desgastada na nossa contemporaneidade. Pois, como colocado por Lazzarato (2017, p.14), “A nova composição de classe que emergiu ao longo desses anos é composta por uma multiplicidade de situações de emprego, de não emprego, de emprego intermitente ... Ela é dispersa, fragmentada e precarizada”. Para o autor, a relação central dessa nova formação capitalista seria a do credor/devedor, donde a noção de crédito e dívida assumem posições privilegiadas. Não há, na argumentação do autor, mais a centralidade de uma identificação de classe como forma de revoltar-se ou de conquistar direitos. Curiosamente, o romance de Lozada não tenta substituir essa consciência de classe por uma política identitária de sujeitos subalternos, já que essa está presente na narrativa de maneira bastante ambígua. Na realidade, o protagonista parece de tal maneira já inserido dentro dessa nova lógica neoliberal do capital que suas únicas formas de criar linhas de fuga são a partir desses mesmos códigos, no mesmo ritmo cambiante dos fluxos do capital. Em certo momento o personagem chega a declarar que “apenas NASDAQ me sobrevive (apenas o vazio)”<sup>29</sup> (LOZADA, 2006, p.111). A Loca é o limite exterior dessa configuração mesma, o retrato distorcido da própria fluidez sem referenciais sólidos do capitalismo em que vivemos.

No romance podemos ver a representação material dessa nova configuração a partir da centralidade do cartão de crédito, objeto crucial para uma discussão da relação de crédito e dívida dentro da lógica do consumo. Para Lazzarato (2017), o cartão de crédito “abre as portas da sociedade de consumo e, solicitando, encorajando, e facilitando a compra, ele envolve o consumidor/devedor no círculo vicioso da excitação/frustração” (LAZZARATO, 2017, p.68). Mais uma vez a Loca parece compreender perfeitamente a lógica neoliberal na qual está inserida, daí a sua afirmação de que “a entrada no crédito finalmente a faz cidadã ... E a Loca, pela primeira vez se sentiu Jacqueline Kennedy e saiu ... gastou os três mil dólares em roupas”<sup>30</sup> (LOZADA, 2006, p.63). Entretanto, se Lazzarato (2017) afirma que essa nova composição traria consigo uma nova técnica de poder, a qual faria com que o sujeito endividado começasse a agenciar sua própria vida como forma de tentar pagar a dívida, no livro de Lozada há um esvaziamento dessa tensão, já que não parece haver aqui qualquer anseio moral suscitado pela dívida e expiada pela exaltação do trabalho. Aproximando-se da visão defendida por Lazzarato da possibilidade de pensarmos a negação do trabalho como uma forma de combater essas novas construções subjetivas neoliberais, a Loca aparece na novela totalmente afastada de qualquer idealização de sua condição trabalhadora.

Curiosamente, em certo ponto da narrativa, ela parece aderir à ideia da meritocracia e da necessidade do trabalho como uma forma de alcançar o sucesso. Em meio a uma discussão com outros porto-riquenhos, a Loca começa um discurso povoado de lugares comum que parecem enquadrar-se perfeitamente na lógica neoliberal do empreendedor de si: “Os cubanos, queridinho, triunfaram em SUA ilha, porque se matam trabalhando, levantam-se ao amanhecer de Deus enquanto seus compatriotas querem que o governo lhes dê tudo de bandeira”<sup>31</sup> (LOZADA, 2006, p.23). Embora aqui possamos ver a ideia do sucesso como que intimamente ligada ao sacrifício laboral, a Loca, parece não acreditar no seu próprio discurso. Na verdade, por meio da recontagem de pequenos gestos antiéticos, essa personagem parece completamente afastada de qualquer possibilidade de aproximar-se desses bons migrantes através de seu trabalho.

---

<sup>29</sup> “Sólo NASDAQ me sobrevive (sólo el vacío)”.

<sup>30</sup> “La entrada al crédito finalmente la hace ciudadana ... Y la Loca, por primera vez se sintió Jacqueline Kennedy y salió ... y en Hugo Boss se compró, íntegros, los tres mil quinientos dólares en ropa”.

<sup>31</sup> “Los cubanos, chiquitico, han triunfado en TU isla, porque se matan trabajando levantándose al amanecer de Dios mientras que TUS compatriotas quieren que el gobierno se lo de to en bandejas’, le gritaba la loca a las otras locas puertorriqueñas”.

Em treze anos, a Loca havia trocado de emprego vinte e sete vezes... Durava seis meses nos trabalhos, não aguentava e se aborrecia rapidamente. Lhe cansava a rotina de levantar-se todos os dias às sete da manhã, a trabalhar oito horas, aquilo que deixava tensa... E roubo. Lápis, magic-markers, blocos de papel, agendas. De tempos em tempo levo algo do trabalho. Tesouras. Até umas flores. E o pior. O mais criminal. Tiro xérox. Tiro xerox de documentos 'unrelated to business'... Liga doente uma sexta-feira sim outra não. Falta por qualquer coisa. Chega tarde. Quase sempre toma para si duas horas de almoço e de vez em quando toma breaks e vai a ver as vitrines de Soho<sup>32</sup>. (LOZADA, 2006, p.20)

Embora esses gestos de rebelião sejam ínfimos, já que sabemos que o roubo desses pequenos objetos não vai produzir qualquer prejuízo à empresa, é exatamente nessa característica que eles parecem adquirir também seu caráter disruptivo, pois é como se houvesse uma ridicularização absoluta da valorização do trabalho. Essas atitudes mesquinhas e desrespeitosas, deslocam a protagonista tanto da imagem de bom migrante – já que “a mansidão/submissão do trabalho migrante é anunciada como a chave de sua produtividade” (GAGO, 2017, p.115). A Loca parece produzir para si um corpo completamente não-produtor, quase parasítico: vivendo de empréstimos e dívidas que não pretende honrar. Assim, o protagonista parece provocar linhas de fuga tanto à lógica vampírica do capitalismo como colocada por Marx<sup>33</sup>, quanto a da dívida infinita do neoliberalismo contemporâneo (LAZZARATO, 2017).

Na verdade, esse parece ser a forma encontrada por ele para subverter o próprio sistema neoliberal ao qual parece querer se integrar de maneira tão apaixonada: transformar-se a si mesma nesse ser parasitário, vampírico. A personagem parece aproximar-se quase que ao pé da letra à ideia de Lazzarato (2017, p.84) de que “não é um ato de pagamento, mas por um ato político, por uma recusa que podemos romper a relação de dominação da dívida”; pois em certo momento ela reflete: “que mandasse ao caralho o Citibank e o Chase (...) a melhor bomba que poderia aplicar aos investidores era pegar emprestado e depois não os pagar. Isso sim que era ser radical e subversivo nestes dias”<sup>34</sup> (LOZADA, 2006, p.93). É como se o seu anseio de tornar-se a encarnação do mito racista da *Welfare Queen* fosse a sua forma pessoal de subverter e explorar o próprio sistema e da sociedade que a excluíram ao longo de toda a narrativa: “quero sofrer e sair bem cara aos tax payers”<sup>35</sup> (LOZADA, 2006, p.114). O sucesso da sua vingança dá-se, portanto, a partir do seu próprio fracasso financeiro. E é essa ambiguidade, calcada na centralidade do modelo contemporâneo de crédito, que faz com que a personagem exponha a própria falência e esquizofrenia de alguns dos pilares desse sistema e suas crises financeiras e subjetivas.

Ao tentar assimilar-se ao sistema hegemônico enquanto recusa as próprias criações subjetivas e comportamentais do neoliberalismo – primazia do trabalho, meritocracia, sujeito como empreendedor de si – o protagonista parece ressaltar as fraturas desse discurso. Ela se transforma no próprio vampiro que tenta desesperadamente lhe sugar capital como uma forma de reverter esse fluxo. Se antes ela temia desesperadamente uma possível contaminação por HIV, ao final do romance ela parece ver nisso a possibilidade de gerar dívidas exorbitantes ao Estado: “que os hospitais usem sem corpo para faturar pelo

<sup>32</sup> “En trece años, la Loca había cambiado de empleo veintisiete veces... Duraba seis meses en los trabajos, no se aguantaba y se aburría rápidamente. Le fastidiaba la rutina de levantarse todos los días, a las siete de la mañana, a trabajar ocho horas, aquello le ponía tensa ... Y robo. Lápices magic-markers bloques de papeles libretas. A cada rato me llevo algo del trabajo. Tijeras. Hasta unas flores. Y lo peor. Lo más criminal. Fotocopia. Le saco copias a documentos 'unrelated to business'... Llama enferma un viernes sí y otro no. Falta por cualquier cosa. Llega tarde. Se toma casi siempre dos horas de almuerzo, de vez en cuando coge breaks y se va a ver vitrinas en Soho”.

<sup>33</sup> “Capital is dead labour, that, vampire-like, only lives by sucking living labour, and lives the more, the more labour it sucks. The time during which the labourer works, is the time during which the capitalist consumes the labour-power he has purchased of him” (MARX, 1967, p.224).

<sup>34</sup> “Que mandara al carajo al Citi y al Chase, que se iban a afectar en lo más mínimo si ella no le pagaba los préstamos y tarjetas, y que la mejor bomba que se le podía meter a los inversionistas era cogerles prestado y después no pagarles. Eso sí que era ser radical y subversivo en estos días”.

<sup>35</sup> “Quiere sufrir y salirle bien cara a los tax payers”.

medicare, que ao final, por lei, terá que pagar milhões por ela. Com máquinas até os ouvidos enquanto o sistema médico por fim se encarrega de pagar los bills da Loca, que agora é um despojo<sup>36</sup> (LOZADA, 2006, p.114). Se o Estado seria aquele responsável por definir as vidas dignas de viver daquelas que não o seriam – e a contaminação por HIV nos Estados Unidos aparece como um caso exemplar dessa configuração – a Loca parece inverter essa própria lógica como forma de tentar atingir esse mesmo Estado que a classificaria como uma vida descartável. Aqui, o investimento em si como seu próprio capital do empreendedor de si parece sofrer uma mutação pela própria negação/obliteração de si, da anulação do próprio corpo, convertido de fonte de proventos em fonte de dívidas.

## Considerações Finais

Ao final, a Loca declara sua falência e acaba por escapar a qualquer castigo por sua adição e excessos. Não há um suicídio como em *Madame Bovary*, apenas um subterfúgio jurídico que parece anular qualquer consequência que pensávamos vir em sua direção. Haveria aqui, portanto, a visão do fracasso como um possível solvente à visão neoliberal de sucesso, ao otimismo estúpido evocado por Lauren Berlant (2011)?<sup>37</sup> Tentei argumentar que a centralidade da questão do crédito e da dívida, culminando na falência do protagonista, possibilita uma instigante aproximação com uma visão *queer* do fracasso. Seria “uma implosão sem passar pelo discurso da tolerância, aceitação ou rebelião”<sup>38</sup> (ROBYN, 2011, p.48), mas sim uma que busca na negatividade o seu caminho. A Loca parece nos indicar que o discurso do sucesso construído pelo neoliberalismo contemporâneo já parece carregar em si mesmo sua própria possibilidade de desvios e linhas de fuga. Que busquemos formas de fracassar cada vez mais nocivas a esse sistema, mesmo que estas, por vezes, possam estar completamente imbuídas nele. Claro que isso nos aproxima perigosamente do próprio código que nos subjuga, como podemos ver a partir da ambígua desidentificação exercida pelo protagonista.

Acredito que uma das razões para a notável falta de interesse acadêmico sobre o livro talvez tenha como motivo central esse desconfortável e ambíguo posicionamento da sua protagonista sobre a ideologia neoliberal do hiperconsumo ou da sua traição e negação de sua condição subalterna, como discutido por Ingrid Robyn (2011). Entretanto me aproximo de Jack Halberstam (2011) e de sua afirmação de que se “quisermos fazer a volta antissocial na teoria *queer* (...) devemos estar abertos a sair da zona de conforto de trocas educadas para adotarmos uma política realmente da negatividade (...) fracassar, fazer uma bagunça, despedaçar, chocar e aniquilar”<sup>39</sup> (HALBERSTAM, 2011, p.110). A partir dessa abertura à negatividade e aos sentimentos que alguns poderiam ver como não-nobres, tentei argumentar que a Loca parece nos mostrar alguns caminhos possíveis para pensarmos nessa abertura ao fracasso e a negatividade dentro de uma política *queer* contemporânea. Gesto que julgo crucial, já que essa parece cada vez mais próxima de uma completa cooptação pelo discurso do bom cidadão e do empreendedor de si.

---

<sup>36</sup> “Que los hospitales usen su cuerpo para facturar al medicare que al final, por ley, tendrá que pagar millones por ella. Con máquinas hasta por los oídos mientras el sistema médico por fin se encarga de pagar los bills de la Loca que ahora es un despojo”.

<sup>37</sup> “Otimismo estúpido é a coisa mais desapontadora de todas. Por ‘estúpido’ quero dizer a fé que o encaixe a certas formas ou práticas de viver e pensar – por exemplo, a perspectiva de mobilidade de classe, a narrativa romântica, normalidade, nacionalidade, ou uma melhor identidade sexual – vão garantir a felicidade de alguém. Alcançar a convencionalidade, não é o mesmo que alcançar seguridade.” (Berlant, 2011, p.126).

<sup>38</sup> “Una implosión sin pasar por el discurso de la tolerancia, la aceptación o la sedición”.

<sup>39</sup> “If we want to make the antisocial turn in queer theory we must be willing to turn away from the comfort zone of polite exchange in order to embrace a truly political negativity, one that promises, this time, to fail, to make a mess, to fuck shit up, to be loud, unruly, impolite, to breed resentment, to bash back, to speak up and out, to disrupt, assassinate, shock, and annihilate”.

## Referências

- AHMED, Sarah. **The promise of happiness**. Durham: Duke University Press, 2010.
- BERLANT, Lauren. **Cruel optimism**. Durham: Duke University Press, 2011.
- CARRASQUILLO, Manuel Clavel. **No quiero quedarme sola y vacía, nueva novela de Ángel Lozada**. Disponível em: <http://www.carnadas.org/blog/?p=567>.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- EDWARDS, Jason. **Eve Kosofsky Sedgwick**. New York: Routledge, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique: Cours au Collège de France (1978-1979)**. Paris: Seuil/Gallimard, 2004.
- GAGO, Veronica. **Neoliberalism from below: popular pragmatics and baroque economies**. Durham: Duke University Press, 2017.
- GOPINATH, Gayatri. **Unruly visions: the aesthetic practices of queer diaspora**. Durham: Duke University Press, 2018.
- GUZMÁN, Manolo. **Gay Hegemony/Latino Homosexualities**. New York: Roudedge, 2006.
- HALBERSTAM, Jack. **The queer art of failure**. Durham: Duke University Press, 2011.
- LAZZARATO, Mauricio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: N-1, 2017
- LOPES, Denilson. Por uma nova invisibilidade. **E-misférica** v.4, n.2, 2007. Disponível em: [https://hemisphericinstitute.org/en/journal/4.2/eng/en42\\_pg\\_lopes.html](https://hemisphericinstitute.org/en/journal/4.2/eng/en42_pg_lopes.html)
- LOZADA, Angel. **No quiero quedarme sola y vacia**. San Juan/Santo Domingo: Isla Negra, 2006.
- MARX, Karl. **Capital**. Volume I: The Process of Production of Capital. New York: International Publishers, 1967.
- MUÑOZ, José Esteban. **Disidentification: Queers of Color and the Performance of Politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. New York: Feminist Press, 2013.
- PUAR, Jasbir. **Terrorist assemblages: homonationalism in queer times**. Durhan: Duke University Press, 2007.
- QUIROGA, José. **Tropics of desire: Interventions from Queer Latino America**. New York: New York University Press, 2000.
- PATTON, Cind y; SÁNCHEZ-EPPLER, Benigno. **Queer diasporas**. Durham: Duke University Press, 2000.
- ROBYN, Ingrid. Betraying the Island: Identidad puertorriqueña y subalternidad en No quiero quedarme sola y vacía. **Mester Literary Journal** v.40, n.1, 2011. pp.33-52. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/Ord4f870>
- RONELL, Avital. **Crack wars: Literature Addiction Mania**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992
- SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Novel gazing**: queer reading in fictions. Durham: Duke University Press, 1997.

SMITH, Adam. **The wealth of nation**. London: Penguin Books, 1999.

STIEGLER, Bernard. Pharmacology of Desire: Drive-based Capitalism and Libidinal Dis- economy. **New Formations**, no. 72, 2011. pp. 150-161. Disponível em: <http://www.lwbooks.co.uk/journals/newformations/contents.html>. DOI:10.3898/NEWF.72.12.2011

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo Gore**. España: Melusina, 2010.